

## Aliança Brasil – Estados Unidos na década de 1940: a Segunda Guerra Mundial e o desenvolvimento econômico brasileiro

---

Adriana Mendonça Cunha<sup>1</sup>

Resenha recebida em 02/03/2016 e aceita em 11/04/2016.

O livro *Brasil: os frutos da guerra* de Neill Lochery discute a relação Brasil-Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) apresentando, como foco principal, os resultados que o conflito e a aliança com os norte-americanos trouxeram para o Brasil. Dividido em seis partes, aborda desde a neutralidade brasileira, no início da guerra, até a morte de Getúlio Vargas (1882-1954). O autor é professor catedrático de Estudos do Médio Oriente e do Mediterrâneo na University College London. Publicou alguns best-sellers e colabora com diversos jornais e revistas, como *The Wall Street Journal*.

Na primeira parte- *Prelúdio à guerra*- Lochery analisa a criação do Estado Novo (1937-1945) por Getúlio Vargas e apresenta as principais figuras ligadas ao presidente: Alzira Vargas (sua filha e secretária), Oswaldo Aranha (ministro das Relações Exteriores) e Eurico Gaspar Dutra (Ministro da Guerra). É abordado o conflito entre Dutra e Aranha no sentido de que o primeiro era considerado pró-Alemanha, e o segundo, pró-Estados Unidos. Mostra a política de barganha de Vargas, buscando negociar com EUA, Grã-Bretanha e Alemanha no intuito de obter vantagens para o país. Além disso, retrata a influência alemã no Sul do Brasil, onde existiam colônias isoladas que procuravam reproduzir, nestas localidades, um modelo de vida semelhante ao de sua nação de origem.

A segunda parte- *A neutralidade Brasileira*- apresenta o início da guerra e a necessidade do Brasil se posicionar em relação ao conflito. Contudo, Vargas considerava essencial continuar mantendo relações comerciais com a Alemanha, pois eram muito mais vantajosas se comparadas com as mantidas com os EUA. Outro fator muito importante era a necessidade que o governo brasileiro tinha de modernizar e armar o Exército, tendo os alemães se oferecido para a venda de armamentos ao país. Era também motivo de preocupação uma possível dominação norte-americana sobre o Brasil. Assim, Vargas decidiu declarar neutralidade na guerra, pelo menos até que a situação exigisse uma posição mais firme. Internamente, Getúlio Vargas apresentou uma série de reformas prevendo a modernização do exército, melhoria da infraestrutura de transportes e a construção de uma usina siderúrgica nacional, projeto este do qual se utilizou do conflito para conseguir investimentos norte-americanos. Com relação aos imigrantes, o governo passou a tomar medidas com o objetivo de nacionalizá-los.

Na terceira parte- *Rumo à guerra*- o ataque japonês a Pearl Harbor, segundo o autor, teria levado os EUA a entrarem efetivamente na guerra, e consequentemente, obrigado o Brasil a romper relações com a Alemanha. Tal atitude culminou no torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães, em 1942. Em troca de armamentos e investimentos financeiros, Vargas concordou em permitir a instalação de bases aéreas norte-americanas no Nordeste. O apoio do Brasil aos Aliados na luta contra as ditaduras fascistas trazia implícita a ideia de que o Estado Novo provavelmente não sobreviveria ao pós-guerra.

A quarta parte- *O Brasil vai à guerra*- retrata a entrada do país no conflito depois de uma série de ataques a embarcações brasileiras em agosto de 1942, levando à morte mais de 600 pessoas. Diante da pressão das multidões nas ruas e dos EUA, Vargas declarou guerra ao

## ALIANÇA BRASIL – ESTADOS UNIDOS NA DÉCADA DE 1940: A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO

ADRIANA MENDONÇA CUNHA

Eixo. A partir de então, o presidente brasileiro passou a ver a possibilidade de criação de uma Força Expedicionária Brasileira (FEB) como uma maneira de armar e expandir o exército, além de conseguir maior atenção dos EUA no pós-guerra.

A parte cinco- *A participação ativa do Brasil na guerra*- relata o processo de formação da FEB e sua partida para a guerra na Europa. Revela as dificuldades e o despreparo dos soldados, a relutância de Vargas e os problemas técnicos, como a demora no fornecimento das armas por parte do governo dos EUA, além das desconfianças dos norte-americanos quanto ao rendimento das tropas brasileiras. Mesmo assim, os pracinhas foram elogiados e participaram de combates importantes na Itália. No Brasil, o conflito entre Aranha e Dutra tornou-se insuportável, tendo o Ministro das Relações Exteriores solicitado exoneração do cargo. Cada vez mais o país passava a exigir mudanças políticas, e Vargas era pressionado a realizar eleições.

Na parte seis- *Melancolia do pós-guerra*- o autor apresenta a volta da FEB para o Brasil e o seu desmembramento, o processo eleitoral e os ataques ao governo por parte da oposição e da imprensa. No final de 1945, o exército temendo uma manobra varguista para se manter no poder, retirou-o do governo. Nas eleições de dezembro, Dutra, apoiado por Vargas, venceu as eleições. O ex-presidente ainda era a figura política dominante no país. O que foi confirmado com sua volta à presidência em 1950. O livro termina com as dificuldades vividas por Getúlio, no seu mandato democrático, que culminaram em seu suicídio em 1954.

O livro de Lochery aborda o estreitamento de relações entre Brasil e EUA durante a Segunda Guerra Mundial como uma tentativa brasileira de conquistar mais espaço na economia mundial e a hegemonia na América Latina. Os EUA, porém, não estavam preocupados com o desenvolvimento do Brasil, e sim em torná-lo aliado e posteriormente dependente.

O autor discute várias questões ao longo do livro. Uma delas é o tratamento dado aos judeus no Brasil. Ele revela a existência de um sentimento antissemita no país, resultado da associação feita entre judeus e comunistas, e das disputas econômicas entre este grupo e setores da população brasileira. Para Lochery, isto não seria resultado de um sentimento de ódio aos judeus em si, mas sim de uma tendência xenófoba presente no Estado Novo. Buscando criar o sentimento de unidade nacional, Vargas empreendeu uma política de nacionalização das comunidades estrangeiras no Brasil, obrigando a extinção dos partidos políticos europeus e o ensino de português nas escolas das colônias.

Outra questão bastante interessante é a atenção dada por Lochery a figuras importantes dos governos brasileiro e norte-americano e seus papéis no estabelecimento de relações entre os dois países, como Sumner Wells (Subsecretário de Estado norte-americano), Aranha, Dutra, Góis Monteiro (Chefe do Estado-Maior) e Roosevelt (presidente dos EUA). Nelson Rockefeller, empresário e filantropo norte-americano, aparece como grande entusiasta da aproximação cultural entre brasileiros e norte-americanos. Ele foi o responsável por levar aos EUA personalidades como Carmen Miranda, e de trazer ao Brasil Walt Disney e Orson Wells, responsáveis por produzir filmes sobre o país.

Getúlio Vargas é caracterizado como um político inteligente, astuto e manipulador. Sabia utilizar os diversos grupos políticos para obter vantagens. Buscou modernizar e desenvolver o Brasil através de uma política interna controladora, censurando a imprensa, eliminando politicamente seus inimigos e mantendo os militares e as camadas populares ao seu lado. Externamente, empreendeu uma política de barganha, visando conseguir extrair o máximo possível de seus aliados. Mostrou-se sempre preocupado com o futuro da relação entre Brasil e EUA, temendo um domínio norte-americano no país. Ao final da carreira é

# ALIANÇA BRASIL – ESTADOS UNIDOS NA DÉCADA DE 1940: A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO

ADRIANA MENDONÇA CUNHA

apresentado como um homem cansado, isolado e sombrio. Já não se mostrava capaz de controlar os inimigos nem de se adaptar ao regime democrático.

As disputas internas entre civis e militares do governo Vargas é bastante explicitada, tendo sido Oswaldo Aranha e Eurico Dutra os principais opositores. O autor destaca como a guerra deu condições para que os militares se fortalecessem, e de meros articuladores do Estado Novo, passassem a protagonistas da política brasileira.

Concluindo, Lochery reafirma o que escreveu na introdução: “A guerra levou ao nascimento do Brasil moderno e à sua ascensão como uma das potências econômicas mundiais” (p.10). Os frutos da guerra para o Brasil foram, segundo o autor: transformação das Forças Armadas brasileiras nas mais poderosas da América do Sul, melhoria na infraestrutura de transportes, com novos aeroportos e portos, a construção da Usina Siderúrgica Nacional que teve papel importante no desenvolvimento industrial brasileiro, transformou o Rio de Janeiro numa cidade moderna e turística. Ao encerrar o livro, aponta o conflito e Getúlio Vargas como grandes responsáveis pelos frutos colhidos. Contudo, deixa em aberto uma análise para a imagem de “pai dos pobres e mãe dos ricos” criada pelos críticos a respeito da figura de Getúlio Vargas na História do Brasil.

## Referência:

LOCHERY, Neill. **Brasil**: os frutos da guerra. Tradução: Lourdes Sette. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. Bolsista Capes. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: [adriana@getempo.org](mailto:adriana@getempo.org) .